

O Chamado dos Deuses

~~O Sangue dos Escotidos~~

Prólogo

No princípio, havia apenas um vasto vazio ecoando entre o tudo e o nada. Até que Caos decidir dar um propósito à nossa história, criando, enfim, os deuses. Divindades encontrada na mitologia grega, reconhecida como seres imortais que habitam o Monte Olimpo. Os protetores e criadores da humanidade.

Claro, muitos tiveram o prazer de conhecerem de perto o poder e o toque de um deus, porventura a partir desses encontros, desgraças frequentemente recaíam sobre a Terra. Mortes, conflitos, corrupções e pecados que escureciam o coração dos mortais.

Cegos, os deuses culpavam os próprios mortais, pela amargura do pecado do egoísmo. Contudo, não podiam esconder seus erros para sempre. Então, uma decisão foi tomada. Zeus, o deus dos raios e trovões, também conhecido por o rei do Olimpo decretou por uma decisão democrática, o selamento dos encontros entre divindades e mortais. Deuses e outras divindades não poderiam mais se encontrar, comunicar ou atender aos pedidos explícitos pelos mortais. Todo aquele que se opusesse contra à decisão, sofrerá uma punição divina. Garantindo o desenvolvimento e a segurança da humanidade.

Graças a esse legado deixado pelos poderosos, com o tempo, a existência dos deuses, se tornou apenas parte de lendas encontradas nos livros de história. Mitos que hoje passam despercebidos e até esquecidos nesta geração. Entretanto, o legado foi firmado pela proteção dos seres celestial, mesmo que a humanidade ainda não presencie ou compreenda de fato os perigos que, um dia, poderia destruir o mundo.

O Encontro	4
Águas Profundas	15
Alvo de Surpresas	43

O Encontro

Las Vegas, conhecida como a “Cidade do pecado” devido à sua fama de entretenimento adulto. Um sinônimo de luxo, cobiça e um toque diversão, onde tudo é permitido. Ou talvez apenas um lugar de escape e experiências únicas.

— Minhas gatinhas venham! Quero mais prazeres, suas gostosas! — Uma voz masculina jovem, carregada com um toque amargo do álcool, exalava pura inveja e ambição, ecoando com o som das vitórias nas *Slot Machine*.

— Ei, cara vai mesmo levar tudo assim? Eu também quero uma moreninha para animar! — Completou outra voz um pouco menos grave que a primeira, mas conseguia identificar o tom mútuo e carregado da cumplicidade entre os jovens.

Esses sons grotescos de prazer em meio ao frenético do cassino, trazem uma mistura de lamento e tesão para os clientes. Uma motivação de impulso a jogarem, na esperança de alcançar a conquista sutil daqueles jovens depressíveis.

No centro do casino, sentados na poltrona dos vencedores, se encontrava dois jovens de aparência entre 18 e 20 anos. Não se sabe ao certo suas idades, já que em suas identificações consta a idade mínima permitida: 21 anos.

O que reclamava, com uma ruiva em seu colo, era um jovem de cabelo loiro raspado. Com um cigarro preso entre seus lábios com um olhar travesso de prazer, exalava sua confiança com um tom impulsivo ao lado de seu parceiro. Com uma expressão mais madura e menos acabado. Ao seu lado outro rapaz de cabelos grisalhos voava entre os até o ombro. Acompanhado por duas mulheres sentadas em suas pernas. Seus olhos azuis trazia um brilho entre as jovens moças, embora tudo não passe de uma farsa de seus instintos selvagens de prazer.

— Garoto, você ainda tem muito o que aprender... Isso é só o começo dos prazeres. E olha o que temos aq... — Hesitando por um segundo, admirando sua vista, mas sem tirar as mãos da cintura das garotas, que apenas riam diante o aperto forte, mas sedutor.

— Então é isso que você disse? Essa loirinha é minha. Somos milionários, gracinha, então se quiser... - Disse o loiro inalando um pouco a fumaça e soltando-a lentamente no ar de baixo para cima, diante a figura à sua frente e continuou: — Tem espaço para você, *baby*.

Quem está diante deles, naquele vasto momento estranho e talvez gratificante para os riquinhos. Era apenas uma garota alta, de longos cabelos loiros que caíam um

pouco acima de sua cintura. Seus olhos azuis fitaram os dois com uma mistura desprezo e nojo.

— Você deve ter sido escolhido por Zeus, não é? - Disse a garota ignorando rapaz ao lado.

— Quem quer saber?

— Ei, parem de me ignorar. Eu também sou um deus, sabia, *my doll*?

— Um deus? Não me faça rir, a não ser que foi escolhido por Dionísio... Vocês dois não passam de porcos imundos.

— *Hey bitch...* Sabe, eu sempre gostei das mais difíceis. - Rosnou o loiro, e, num piscar de olhos, já estava atrás da garota, inalando o cheiro de seus cabelos loiros e mordiscando seu pescoço. Em um movimento brusco, agarrou-a por trás. Porventura ela reagiu com rapidez livrou-se do aperto, girou o corpo e desferiu um chute com a perna direita que acertou precisamente o rosto do rapaz, arremessando-o corredor adentro.

— Não me dirija a palavra com esse vocabulário vulgar. Me trate com respeito... ou cale essa sua boca podre, seu drogado de merda! - Gritou-a enquanto as mulheres que estavam por perto saíram correndo, assustadas pela confusão repentina entre os dois.

— Bom... Acho que a diversão acabou. - Murmurou, desanimado, o rapaz mais velho, se levantando lentamente da poltrona.

— SUA FILHA DA PUTA! VOCÊ VAI ME PAGAR, SUA...! — berrou o loiro, levantando-se da queda e correndo em direção à garota. Mas, antes que pudesse encostar nela...

— EU DISSE, JÁ CHEGA! — Bradou o mais velho, sua voz em perfeita sincronia com um trovão que ressoou dentro do cassino, trazendo uma rajada repentina de energia. Fazendo-os parar. — Essa brincadeira me deixou com uma fome, vamos?

— Tsc. É bom pagar a comida, seu velho. - Resmungou o loiro, colocando as mãos nos bolsos e seguindo o outro, ainda murmurando. A garota apenas suspirou, acompanhando-os em silêncio, sem dizer uma palavra sequer.

Dentro do cassino, todos ainda estavam confusos com o que havia acabado de acontecer. Dois jovens, com idades duvidosas, entraram no local, venceram em todas as máquinas e se tornaram milionários em apostas em poucas horas. E então, do nada, surgiu uma garota de beleza admirável que espantou os dois a pontapés. **Quem eram aquelas pessoas?**

Depois de algumas de caminhada, eles entraram em um restaurante chamado *SW steakhouse*, uma churrascaria elegante, amplamente comentada na região, pelo seu visual sofisticado de elegância com mesas externas e ótimos coquetéis. Se acomodaram em uma mesa mais afastada e isolada. E o rapaz mais velho começou a fazer os pedidos e, ao terminar, lançou um olhar curioso para a garota. Ela se sentiu ligeiramente desconfortável, mas estava preparada para qualquer pergunta. Com um leve sorriso, ele disse:

— A senhorita ainda não se apresentou, não é mesmo? Escolhida de Atena.

— Não posso duvidar de seus conhecimentos... Afinal, foi escolhido por Zeus. Ao contrário de outras pessoas. — respondeu ela, lançando um olhar vago para o garoto mais novo, que apenas virou o rosto e se acomodou de forma relaxada, sem qualquer traço de etiqueta. Em seguida, continuou: — Meu nome é Sophia Andersson e você está certo, fui escolhida pela famosa deusa Atena.

— Nikolaos, mas pode me chamar de Nik e esse aí é o Ray, escolhido de Hermes.

— Mas se quiser de chamar de amor da sua vida, eu aceito também, bebê. - Concluiu Ray encarando o corpo da garota de baixo para cima e finalizando com uma piscadela. Sophia o ignorou completamente, mantendo os olhos fixos em Nik.

— Bem, então por que a senhorita veio nos procurar? — Questionou Nik, intrigado. — Você sabe que há deuses muito mais importantes com os quais deve se preocupar, não é? — Ray, continuava atento, observando a troca de olhar entre os dois.

— A Atena me disse que você é a chave para encontrar os outros escolhidos. Por mais que eu tenha a sabedoria de uma deusa ao meu lado, você foi escolhido pelo rei do Olimpo. E, segundo ela, é um dos que mais teve contato com os mortais aqui na Terra.

— Escolhidos? Para quê exatamente. boneca? — Perguntou Ray claramente confuso com suas palavras.

— Como assim “para quê?” O seu deus não explicou nada? — Retrucou Sophia indignada.

— Huum... não? Ouvir asneiras não é o meu forte. — Respondeu Ray, coçando os ouvidos como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Tenho que explicar tudo? Aff... Ok, vou resumir. Os deuses gregos escolheram nós meros mortais, para enfrentar uma ameaça capaz de provocar o extermínio total da humanidade. E nós somos a única salvação desse mundo.

— Mas por que os próprios deuses não resolvem essa merda? — retrucou Ray, cruzando os braços.

— Parece que eles criaram uma ordem divina que os proíbe de intervir diretamente. E tudo isso... graças ao rei do Olimpo — concluiu Sophia, com um tom levemente amargo na voz.

— Não coloquem culpa em Zeus ele parece ser gente boa para mim. Aliás ele acabou dizendo que tudo é base de democracia entre eles, mas que o próprio não estava envolvido nessa questão dos escolhidos. — Disse Nik um pouco incomodado com o tom de Sophia.

— Então quer dizer que somos como os novos vingadores? Maneiro! E olha... a comida chegou! — Disse Ray um pouco animado, quebrando a tensão. Nik e Sophia se encaram confusos, mas Nik não resistiu e caiu na gargalhada:

— Você é uma, figura Ray.

O aroma da carne grelhada invadiu o ambiente, despertando o apetite dos três. Pratos sofisticados chegaram um a um, acompanhados de taças de vinho tinto. Ray e Nik salivavam só de olhar. Sophia, por sua vez, tentava esconder o quanto também apreciava a refeição. Cada mordida era uma explosão de sabor, e por um instante todos se calaram, apreciando o jantar.

— Isso sim que é comida boa. — Afirmou Ray sendo o primeiro a pôr os pés fora do restaurante preparando para acender seu cigarro.

— Tenho que admitir que estava ótima. Então... Agora que já se divertiram e comeram... vamos encontrar os outros.

— Agora? Eles nem deve estar tão longe. Não precisa ter pressa garota.

— É sério? Eu aturei vocês dois até aqui e vamos enrolar ainda mais? Eu agradeço a refeição, mas não temos tempo a perder.

— Olha *my baby*, vamos aproveitar. Seu eu encontrei esse velho, tenho certeza de que...

— Eu vim da Suíça até aqui, e vocês ainda vêm com esse papo? Os escolhidos podem estar tanto aqui como do outro lado do mundo! As chances são mínimas. *Kacke!* — Retrucou Sophia, totalmente irritada interrompendo Ray.

— Então quer dizer que a bonequinha linda é de outro país? Você fica tão sexy quando está com raiva...

— Cala a boca!

— Vocês são um pé no saco... — Suspirou Nik, bagunçando os cabelos brancos e cedendo ao pedido dos dois. — Bom. Não tem como irmos agora, então vamos aproveitar os últimos momentos aqui em Las Vegas. Amanhã de manhã vamos aonde você quiser Sophia. Pode ser?

— Está bem. Amanhã de manhã se encontraremos aqui sem enrolação. — Disse Sophia, resignada.

Os dois jovens olharam com um sorriso, satisfeitos. E antes que se dispersassem, Ray se separaram de Nik correndo às pressas atrás de Sophia:

— E aí, boneca. O que uma gatinha como você vai fazer enquanto espera? Temos horas para aproveitar, principalmente à noite que é uma criança.

— Irei me preparar para o nosso encontro com os outros deuses. E para de me chamar desses apelidos. Por mim, você nem precisava aparecer.

— Calma aí, *baby*. Não quero te deixar mais bravinha. Só pensei que quisesse companhia...

— Eu mereço... E me passa o logo o seu número.

— Vai me ligar quando sentir saudade?

— Claro que não. É só para garantir que vou encontrar você amanhã. — Bufou, chamando um táxi. — E respondendo sua pergunta anterior: não, obrigada. — Concluiu com um sorriso irônico ao entrar no carro.

Durante sua partida, Nik se aproxima, colando a mão direita em seu ombro, enquanto Ray ficou olhando pensativo a despedida com um sorriso:

— Essa garota é incrível. Ela vai ser minha, Nik.

— Você sabe que vai ser difícil. Afinal, os deuses são irmãos, e ela deve priorizar isso.

— Mas eu não sou um deus e garotas difíceis são as mais gostosas. Além disso, você mesmo diz que os próprios deuses tinham essa questão de incesto. Então o que me impediria? — Nik deu risos largos diante da resposta ousada do amigo.

— Você é um caso perdido. Vamos? Temos pouco tempo para aproveitar.

O trio se separou, aproveitando as últimas horas que restavam entre as longas estradas de Las Vegas. Enquanto os rapazes aproveitavam em cassinos e festas, Sophia mergulhava em seus livros de mitologia grega.

— Minha teoria estava certa. Graças ao idiota do Ray, confirmei ainda mais minhas suspeitas. Os deuses do Olimpo se uniram e escolheram doze humanos para representá-los, como Atena disse. Somos três e só faltam nove: “Hera, Poseidon, Ares, Deméter, Apolo, Ártemis, Hefesto, Afrodite e o Dionísio...” — Pensava alto, imersa em suas anotações, dando uma breve pausa e continuou: — Atena me avisou sobre Zeus ser o mais conveniente para nos guiar, mas preciso averiguar. Todos temos habilidades sobre-humanas... Mas será que todos saberão usá-las com responsabilidade? Devo procurar o mais próximo... ou o que representa maior ameaça?

O tempo passava rápido, dissolvendo os pensamentos de Sophia. Havia mais perguntas do que respostas. Um verdadeiro quebra-cabeça incompleto. Ainda assim, ela não podia ignorar as palavras da deusa no dia em que fora escolhida. Aquela lembrança funcionava como um lembrete de coragem e motivação silenciosa para o amanhã.

Ao amanhecer, o celular de Ray vibrava incessantemente, com uma ligação de Sophia, como um alarme irritante provocando dores de cabeça tentar acordá-lo. Deitado na cama, vencido pela preguiça e pela ressaca, ele simplesmente ignorava o som irritante que agravava sua enxaqueca, afundando-se ainda mais no sono. Horas depois, as batidas na porta do apartamento ecoaram com força.

— Ray? Nick? Eu sei que estão aí. Abram essa porta! — insistia Sophia, impaciente. Lentamente, Ray se remexeu, resmungando entre bocejos:

— A porta... Tá aberta, eu... acho.

Ao abrir a porta, uma mistura de desânimo e desgosto expressado no rosto de Sophia. Um apartamento minúsculo e completamente bagunçado. Lixo e roupas jogadas pelo chão, vasilhas sujas, latinhas amassadas, pacotes de salgadinhos abertos e uma pilha de louça imensa tomavam conta do ambiente. um apartamento minúsculo e completamente bagunçado. Lixo e roupas jogadas pelo chão, vasilhas sujas, latinhas amassadas, pacotes de salgadinhos abertos e uma pilha de louça imensa tomavam conta do ambiente:

— Acorda, seu estrupício! Já era para ter trocado de roupa!

— O quê? Nossa... que inferno de dor de cabeça... — Respondeu Ray, se remexendo preguiçosamente na cama, descobrindo-se com descuido e deixando exposto seu corpo definido sob a luz suave do ambiente, o abdômen nu bem-marcado, com a cueca acinzentada visível acima do cós da calça, mas também desleixada a ponto de mostrar a linha para a região inguinal.

— Enxaqueca? Não me surpreende considerando que devem ter bebido até cair. Idiotas.

— A gente estava aproveitando, princesa. E... por que está com o rosto virado?
— perguntou Ray, notando o seu desvio no olhar. Sophia engoliu seco, tentando manter a pose, mas o calor repentino em seu rosto a entregava.

— Você viu o seu estado? Ou ainda está bêbado?

— Gostou do que vê, princesa? Por isso está vergonhada?

— Cala boca! Isso é uma falta de respeito, sabia? E é normal uma garota virar o rosto nessas situações, tá? Agora me diga: onde está o Nik?

— E eu vou saber? Aquele cara vive sumindo do nada... tá ligada? — disse Ray, levantando e pegando uma camiseta preta para vestir.

— Temos um longo caminho pela frente, e vou ter que aturar vocês dois para cumprir essa missão. E ele simplesmente saiu te deixando aqui? Devia ter pegado o número daquele vagabundo. Acha que ele vai demorar pra voltar?

— Ele é sempre assim desde que conhecemos. Aparece e some do nada, sem explicação. - Respondeu Ray, se espreguiçando.

— Como assim?

— Foi isso mesmo que você ouviu. Bom, vou jogar uma ducha. É... fique à vontade, *my princess*.

— Como se fosse possível... — Murmurou Sophia, indo até a sala com um olhar de nojo. Não resistiu e começou a recolher algumas embalagens espalhadas. — Como conseguem viver nessa imundície?

— Se eu soubesse que uma gata como você viria até aqui, eu teria dado uma ajeitada. — Disse Ray em alto e bom som, já no banheiro, ligando o chuveiro.

— Você devia limpar porque é o certo... não só quando tem visita. Isso aqui está uma nojeira.

Passaram-se alguns minutos e logo Ray apareceu, chocado com a sala ajeitada ao menos, mais do que o normal.

— Nossa... *not bad!*

— Eu não resisti a essa imundice... Enfim já arrumou sua mala para a viagem?

— Bem... — Rapidamente com sua velocidade anormal pegou uma mochila cheio de caderno, retirou tudo e enfiou um monte de roupas nela: — ...Pronto, quando você quiser *my lady*.

— Vamos. O Nik deve saber o nosso ponto de encontro. — Finalizou, indo em direção da porta pegando sua mala.

Chegando ao ponto de encontro, Sophia ignorava as cantadas irritantes de Ray, até serem interrompidos:

— Que demora. Achei que era cedo nossa partida.

Avistaram, do outro lado da calçada em frente ao restaurante, Nik dentro de um carro conversível que reluzia sob a luz solar entrelaçando com destaque dada pela pintura branca.

— *Holly shit!* Um Ford Mustang!

— Sabia que ia gostar, garoto — Disse Nik, saindo do carro com seus óculos escuros, se exibindo.

— É... Como tu conseguiu esse carro? Não me diga que...

— Quem se importa, princesa? Esse carro é extremamente luxuoso e precisamos dele, não?

— Claro que precisamos dependendo do destino Ray, mas só pra me aliviar: Você não roubou o carro, né?

— Claro que não! — Implicou Nik, balançando a chave no rosto dela, até que Sophia a arrancou de sua mão.

— Está bem. Então eu dirijo. Entra Ray.

— O quê? — Perguntou Nik desentendido.

— *Come on, man!* Mas pra onde a gente vai? — Disse Ray, pulando para dentro do carro animado e curioso.

— Vamos para praia. Santa Mónica para ser exato.

— Califórnia? E de onde você tirou a informação de que devemos ir pra lá?

— Eu não preciso te dar argumentos. Ou você acredita em mim, ou pode procurar os escolhidos sozinho.

— Está bem. Mas se você estiver mentindo... Eu acabo com você.

— *Wow, she's angry.* Melhor ter cuidado, Nik. — Provocou Ray.

— Já estou acostumado... — Finalizou Nik, enquanto Sophia dar a partida no carro.

O som do motor ronronava sob o capô, enquanto o Mustang cruzava a estrada com elegância e velocidade. O deserto de Nevada se estendia em todas as direções, como um oceano seco de tons quentes e infinitos. O calor era quase palpável, tremeluzindo sobre o asfalto, enquanto Sophia mantinha os olhos fixos no horizonte e suas mãos firmes no volante. No banco de trás, Nik se espreguiçava com os óculos escuros ainda no rosto. Ray, no banco do carona, com os pés apoiados no painel, comia batatinhas e cantarolava “*Eminem - Without Me*” que tocava no rádio.

— “...*Cause it feels so empty without me...*” Hey, princesa. Cuidado com os buracos. Essa estrada aqui adora pregar peças. — Comentou Ray, dando uma mordida preguiçosa no salgado.

— Se eu quisesse uma dica teria pedido, excelência. Quer tanto dirigir assim? — Retrucou Sophia, sem tirar os olhos da estrada.

Ray sorriu de canto, arqueando uma sobrancelha.

— *Wow, calm down.* Prefiro assistir ao show daqui mesmo. Confesso que tem algo... sexy em te ver no controle. — Sophia bufou, mas um leve rubor subiu às bochechas ignorando.

A estrada seguia reta, quase hipnótica, com as montanhas ao longe começando a ganhar tons azulados. Aos poucos, o deserto deu lugar a vegetações mais verdes e trechos urbanos. As placas anunciavam: “*Welcome to California.*” O cheiro do mar salgado e fresco começava a invadir o carro. Quando a primeira faixa do oceano surgiu à vista, Ray se endireitou no banco, com os olhos arregalados como uma criança.

— Finalmente! Eu juro que se visse mais um cacto, ia começar a dar nomes pra eles.

Sophia sorriu. Mesmo exausta, havia algo reconfortante naquele som distante das ondas e nas palmeiras balançando ao vento.

— Bem-vindos à Santa Monica — murmurou Nik, como se dissesse isso a si mesmo.

Sophia, olha vagamente com os olhos brilhando, ao ver a roda gigante da famosa Santa Monica Pier se destacando contra o céu azulado do pico da tarde.

— Agora sim... podemos começar a parte divertida da missão.

— Nada disso, vamos focar na missão. Primeiro vamos nos hospedar no hotel e...

— Ahh *Come on my lady.* Não podemos aproveitar um pouco? Eu vi os seus olhos lindos admirando a roda gigante. Eu posso até fazer companhia.

— Só depois que resolvemos isso ok? E sem a sua companhia. — Finalizou Sophia estacionando o carro a um pequeno hotel em frente da praia.

Pela escolha entre os quartos ao sétimo andar, oferecia uma vista privilegiada do mar, e assim que entraram o cheiro salgado do oceano se misturava ao perfume leve dos lençóis recém-trocados. Sophia se isolou em seu próprio quarto espaçoso, minimalista, com uma varanda que dava direto para a praia. Jogou a mala sobre a poltrona, abriu a porta de vidro e ficou ali por alguns minutos, deixando a brisa bagunçar seus cabelos, pensativa em seus próximos passos. Do outro lado do corredor, Ray e Nik dividiam um quarto que logo virou zona de guerra: tênis espalhados, mochilas jogadas nos cantos e o som da televisão ligado em volume alto. Ray se jogou de barriga na cama como se fosse dono do lugar, enquanto Nik fuçava o frigobar com olhar desapontado. Depois de algum tempo descansando e discutindo o que vestir, os três finalmente decidiram sair, motivados tanto pela curiosidade quanto pela estranha sensação de que algo os esperava do lado de fora. Porém...

— Cadê o Nik?

— *What?* — Ray olha desorientado para os lados, a procura de Nik. — Eu não sei, ele tava aqui agorinha.

— Não é possível que você perdeu um garoto de cabelo platinado!

— *Wait*, não bota culpa em mim não. Ele tem essa mania de sumir... E, pra ser justo, ele não ficou nada animado com a pobreza do frigobar lá em cima, mas... Olha pelo lado bom. Pelo menos estamos juntos, não é?

— Infelizmente...

Enquanto Ray continuava dando em cima da Sophia sem preocupações, uma presença estranha surgiu do outro lado da rua, um pouco a distante dos dois. Um jovem parado, encostado casualmente em um poste. Observava com seus olhos castanhos penetrantes e uma expressão séria. Tinha cabelos escuros ajeitado para cima como de um topete estiloso, acompanhado por um casaco xadrez chamativo, mas havia algo nele... que incomodava. Como se estivesse preparando algo.

— É você? — Perguntou, o rapaz de voz firme, mas distante. Seus olhos se fixaram em Sophia ainda com a expressão séria. — A escolhida de Atena?

— Sou, por quê? — Respondeu com desconfiança. Ela estreitou o olhar, o corpo enrijecendo por instinto.

No instante seguinte, o rapaz flexionou as pernas e saltou com velocidade sobre-humana em direção dos dois em um arco agressivo. O seu punho fechado mirando direto o rosto de Sophia.

• ❁ •



matar eles, vou matar eles, vou matar eles, vou matar eles, vou matar eles, vou matar eles, vou matar eles, vou matar eles...!”

— Merda!

